



GORGULHO

Boletim Informativo sobre Biodiversidade Agrícola
COLHER PARA SEMEAR – Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais
ano 6 . nº13 . Primavera de 2009. Distribuição gratuita a sócios

AGRIÕES



TABACO FLOR-DE-CRAVO
FUNDAÇÃO DA AGRICULTURA DO FUTURO
AGRICULTURA TRANSGÉNICA NA ERVA DANINHA

ÍNDICE

EDITORIAL	2
EVOLUÇÃO E OUTRAS COISAS	2
ELEIÇÃO DOS CORPOS SOCIAIS PARA O TRIÊNIO 2009/2011	3
PAGAMENTO DE QUOTAS FACILITADO	4
RELATÓRIOS DE CONTAS, DE ACTIVIDADES DE 2008 E PLANO DE ACTIVIDADES PARA 2009	4
O MESTRE JOSÉ SALGUEIRO	5
TABACO FLOR-DE-CRAVO – 1ª PARTE	7
MANUAIS TÉCNICOS PARA A RECOLHA E CONSERVAÇÃO DE SEMENTES	8
DA COLHER PARA SEMEAR	8
DA RED ANDALUZA DE SEMILLAS	8
FUNDAÇÃO PARA A AGRICULTURA DO FUTURO (ZUKUNFTSSTIFTUNG LANDWIRTSCHAFT) – 2ª PARTE	9
INVESTIGAÇÃO EM MELHORAMENTO E DESENVOLVIMENTO COMO UMA TAREFA SOCIAL	9
AGRICULTURA TRANSGÉNICA NA ERVA DANINHA	11
OS AGRIÕES	12
VARIEDADES	12
CULTIVO	13
POLINIZAÇÃO	14
OBTENÇÃO DA SEMENTE	15
BOLETIM DE INSCRIÇÃO DE SÓCIO	16
COMO CONTRIBUIR?	16

Ficha Técnica

O Gorgulho, n.º 13 – Primavera de 2009

Boletim Informativo Sobre Biodiversidade Agrícola

Director: José Miguel Fonseca

Edição: Colher para Semear – Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais

Coordenação e Redacção: Fátima Teixeira

Fotos e gravuras: Anne Tane, David Blaine, EMBRAPA, GÊ-QUESTA, Graça Caldeira Ribeiro, Red Andaluza de Semillas, Simon.

Colaboradores neste número: Fátima Teixeira, Graça Caldeira Ribeiro, José Amorim, José Miguel Fonseca, Manuel Sousa, Pedro Pacheco.

Contactos: Quinta do Olival, Aguda, 3260-044 Figueiró dos Vinhos, Tel. 236622218 / Tm. 914909334
colherparasemear@gmail.com

Colaborações são bem vindas. O Gorgulho existe para dar voz aos associados, os vossos pontos de vista e experiências são importantes para enriquecer esta publicação. Faça-nos chegar o seu texto.

EDITORIAL

EVOLUÇÃO E OUTRAS COISAS

José Miguel Fonseca

Quando Darwin revelou e demonstrou a sua teoria de evolução, após longa viagem exploratória circum-navegando o globo, confirmou de forma inequívoca a veracidade dos seus pensamentos. A diversidade de seres vivos encontrados em condições também estas variadas, tanto no reino animal como vegetal entusiasmou Darwin, culminando este sentimento na visita às ilhas Galápagos, exemplo supremo da biodiversidade no planeta, então pouco castigado pela intervenção humana, situação ademais alterada desde esses tempos, com a extinção de numerosas espécies.

As consequências do desaparecimento de um qualquer organismo já são sobejamente conhecidas, as cadeias alimentares estão intrinsecamente ligadas, e a eliminação de um único ser gera reacções imprevisíveis nos

dependentes, arrastando estes também para uma situação precária de sobrevivência.

Nas plantas domesticadas o princípio é o mesmo; quanto maior for a diversidade de plantas cultivadas e menor for a perturbação em redor sobre as espécies nativas, mais equilíbrio terá o ecossistema envolvente, com pragas controladas por auxiliares igualmente presentes em números compensadores, facilitando o cultivo nas hortas com dimensões harmoniosas.

A diversidade das plantas cultivadas sofreu uma diminuição drástica, com redução de espécies e respectivas variedades, substituídas por um punhado de sementes de qualidade e nutrição discutível. Nos últimos cinquenta anos passámos a basear a nossa alimentação em apenas doze, e destas, quatro dominam quase toda a produção: trigo, arroz, milho e batata. O objectivo é evidente: o controlo de alimentos a nível planetário através da semente, com a introdução de plantas mutáveis e contaminantes.

Desde a origem dos primeiros povos sedentários, iniciando a experiência agrícola, com a multiplicação de variedades dentro das espécies, sucedendo-se primeiro de forma espontânea depois provocada, com a maturação do conhecimento chegou a sabedoria.

A observação atenta dos intervenientes notando diferenças entre plantas, escolhendo características desejáveis: robustez, produtividade, paladar ou simples formato. Proliferando de modo evolutivo para a criação de inúmeras variedades, com práticas passivas, de melhoramento no campo, evitando a degeneração, transferindo de geração em geração germoplasma em perfeitas condições, mantendo as especificidades originais.

Cada aldeia tinha uma semente ou fruto pela qual era reconhecida, por vezes até procurada como objecto de troca por bens ou por outras sementes, também estas cobiçadas. O isolamento das povoações

permitia a preservação e pureza varietal sem a introdução de sementes de outras paragens.

Com a abertura de meios de deslocação rápidos e alteração dos circuitos comerciais, estes centralizados em monopólios convictos no lucro, introduzindo mecanismos de dependência através de sementes estéreis ou degeneradas, e com resultado previsível catastrófico em termos de erosão vegetal e alimentar, o património construído e mantido ao longo de séculos, foi destruído irreparavelmente.

Um novo Darwin procura-se, para alertar à continuidade da evolução natural, não instrumentalizada alterada por processos manipulativos e aberrantes, longe duma consociação desejável.



COLHER PARA SEMEAR

**REDE PORTUGUESA
DE VARIEDADES TRADICIONAIS**

ELEIÇÃO DOS CORPOS SOCIAIS PARA O TRIÉNIO 2009/2011

Decorreu no passado dia 22 de Março, na Herdade do Freixo do Meio, em Montemor-o-Novo, a eleição dos Corpos Sociais da Colher para Semear para o triénio 2009/2011. Foi apresentada apenas uma lista, a lista A que foi eleita com 22 votos a favor e uma abstenção. A composição dessa lista é a seguinte:

Mesa da Assembleia-geral

Presidente: José Brandão Pedro
Vice-presidente: Carlos Reis Simões
Secretário: Jorge Conceição Ferreira
Suplente: Paulo Duarte Vitorino
Suplente: Rita Simões Cantante

Direcção

Presidente: José Miguel A. Fonseca
Secretário: Graça Caldeira Ribeiro

Tesoureiro: Manuel Sousa Fernandes
Vogal: José Mariano Fonseca
Vogal: Eduardo Ruivo Trindade
Suplente: Carlos Oliveira Simões
Suplente: Ana Margarida Fonseca

Conselho Fiscal

Presidente: Fátima N. Cabeleira Teixeira
Secretário: Rui Eduardo Regallo
Secretário: José Adelino Fernandes
1º Suplente: Margarida Branco Moquenco
2º Suplente: José Pedro Raposo



PAGAMENTO DE QUOTAS FACILITADO

Fátima Teixeira

A Colher Para Semear decidiu facilitar a vida dos seus associados, em vez de apelar em todos os boletins ao pagamento das quotas sem lhes tornar fácil esta tarefa. Apresentamos portanto uma nova modalidade de pagamento que não apenas o envio de cheque. Assim, está já disponível a possibilidade de proceder ao pagamento de quotas através de transferência bancária, usando o seguinte NIB do banco Caixa Agrícola: 0045 6290 4020 4973 2061 3

Convém depois enviarem-nos o comprovativo de transferência para o endereço electrónico da associação (colherparasemear@gmail.com), para podermos confirmar a recepção do pagamento de quota.

Esperamos deste modo simplificar a vida aos sócios e também lembrar-lhes de que a Colher para Semear precisa do apoio financeiro de todos os seus sócios, sendo por isso importante ter as quotas em dia. Para que possamos prosseguir todos os objectivos que nos propusemos e dar vida a todos os projectos futuros.



RELATÓRIOS DE CONTAS, DE ACTIVIDADES DE 2008 E PLANO DE ACTIVIDADES PARA 2009

Colher Para Semear

Para os sócios que não estiveram presentes na Assembleia Geral do passado dia 22 de Março, apresentamos aqui os documentos entregues aos presentes, como forma de avaliarem o trabalho desenvolvido ao longo do ano passado e os planos para o presente ano.

Relatório de Contas de 2008

Para os mais entendidos nestas questões financeiras deixamos aqui os números:

Activo	€ 9. 073,98
Capital Próprio e Passivo	€ 9. 073,98
Custos e Perdas	€ 11. 552,44
Proveitos e Ganhos	€ 11.552,44

O período financeiro deste ano 3 da actividade da associação confirma a estabilidade desta componente acessória do nosso trabalho. Pela terceira vez consecutiva nos saldamos por exercício positivo.

Relatório de Actividades de 2008

- Janeiro: Publicação do Catálogo de Variedades 2008 e disponibilização de sementes aos sócios

Início dos contactos com as associações ALDEIA e AEPGA e com algumas Juntas de Freguesia da região do Planalto Mirandês, tendo em vista o Levantamento das Variedades Regionais naquela área,

- Fevereiro: Início dos contactos para a realização do Ao Encontro da Semente 2008, em Sendim, Miranda do Douro.

- Fevereiro a Novembro: Execução do Levantamento de Variedades Regionais do Planalto Mirandês.

- Janeiro a Dezembro: Publicação trimestral dos 4 números do boletim de Biodiversidade

Agrícola “O Gorgulho” e respectivo envio postal e electrónico aos sócios.

- Janeiro a Dezembro: Reprodução “in situ” de parte do património de sementes em posse da Colher Para Semear.

Recolha de garfos e realização de enxertos de fruteiras do concelho de Odemira, e outras regiões, para disponibilizar aos sócios.

Seguimento dos contactos com a C.M. de Odemira, tendo em vista a publicação do Levantamento de Variedades Regionais do Concelho de Odemira.

Conclusão do Levantamento das Variedades Regionais do concelho de Odemira

- Maio: Publicação e apresentação da brochura “Levantamento de Variedades Regionais da Península de Setúbal”, com o apoio da C.M. de Sesimbra.

- Maio, Agosto e Outubro: Participação em 3 palestras sobre a Biodiversidade Agrícola e a Problemática das Sementes Tradicionais, em Odemira

- Julho: Realização da Oficina de Formação de Guardiões de Sementes, na Quinta do Olival, em Figueiró dos Vinhos.

- Outubro: Realização da Oficina de Confeção de Sumos e Conservas, na Quinta do Olival, em Figueiró dos Vinhos.

Participação no VI Festival Gastronómico “Alvaiázere Capital do Chicharo”, com um stand e uma oficina, em Alvaiázere.

Participação na RuralBio 2008, com um stand, em Beja.

- Novembro: Realização do Al Ancontro da Semente 2008, em Sendim, Miranda do Douro.

Participação no Fórum “Agricultura em Territórios Urbanos- Oportunidades e Sucessos”, em Aljezur.

Plano de Actividades para 2009

- Janeiro a Dezembro: Recolha de material vegetativo, e reprodução, das fruteiras e vinhas inventariadas no Planalto Mirandês.

Publicação trimestral dos 4 números do boletim de Biodiversidade Agrícola “O Gorgulho”.

Reprodução “in situ” de parte do património de sementes em posse da Colher Para Semear.

- Fevereiro: Publicação do Catálogo de Variedades 2009.

Início da disponibilização de sementes, e fruteiras do concelho de Odemira, aos sócios.

- Março: Organização do Passeio de Primavera, em Montemor-o-Novo.

- Junho: Participação na II Feira Ibérica de Biodiversidade Agrícola, em Chipiona - Cádiz.

- Publicação do Levantamento de Variedades Regionais do Concelho de Odemira, com o apoio da C.M. de Odemira.

- Seguimento dos contactos com as entidades de Miranda do Douro, tendo em vista a publicação do Levantamento de Variedades Regionais do Planalto Mirandês

- Levantamento das Variedades Regionais na região onde se irá realizar o Ao Encontro da Semente.

- Realização do Ao Encontro da Semente 2009.

- Realização de 2 Oficinas de Recolha e Conservação de Sementes.

- Execução do projecto Bio-Local, apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, em parceria com a C. M. da Moita, Quercus ANCN - Núcleo de Setúbal, FENACOOOP e PLURICOOP.



O MESTRE JOSÉ SALGUEIRO

Fátima Teixeira

No passado dia 22 de Março realizou-se o tão anunciado passeio de Primavera, na Herdade do Freixo do Meio em Montemor-o-Novo, com o Mestre José Salgueiro que já vínhamos há algum tempo querer fazer

(tinha sido anunciado há uns Gorgulhos atrás, mas por razões de saúde do Mestre esse passeio teve de ser cancelado). Talvez por essa razão, mas também pelo privilégio único de ouvir e aprender com o Mestre José Salgueiro, teve este passeio uma participação inesperadamente grande, com mais de 50 participantes, graúdos e miúdos à mistura.

À boa maneira portuguesa, o passeio teve início meia hora mais tarde do que o previsto, mas mesmo assim o número de presentes era mais que suficiente para encher dois reboques completos, que entretanto os mais atrasados já não puderam apanhar...

Todos corriam para os lugares vazios dentro dos reboques, cabendo sempre mais um aqui, outro acolá e não era caso para menos, pois ao longo da caminhada que mais tarde sucedeu à viagem de reboque, o Mestre, nos seus mais de 90 anos foi jorrando o seu saber e experiência de décadas de trabalho de pesquisa e investigação pessoal numa partilha desinteressada, em linguagem clara, embora por vezes com expressões populares que nem todos conheciam ou entendiam.

Mas podemos dizer que acompanhar o Mestre não foi tarefa fácil, tanto pela energia que imprimia às palavras, como pela rapidez dos passos com que avançava à nossa frente, apanhando várias plantas, arbustos, flores, ramos de árvores, sementes, raízes, enfim, quase tudo era passível de ter uma propriedade terapêutica ou medicinal e não havia maleita que não pudesse ser curada ou minorada. E rebuscando na sua longa memória contava histórias e ditos de encantar. Uns faziam rir, outros prevenir, outros pasmar, de tantas e diferentes aplicações que cada planta podia ter.

Para além do seu imensurável conhecimento em plantas medicinais, o Mestre também acrescentou conselhos de saúde e dietética, que ele próprio tinha vindo a aplicar a si, e com ótimos resultados, a avaliar pela vitalidade ímpar que exibia.

Houve quem tomasse notas, houve quem fotografasse, houve também quem filmasse na esperança de não perder pitada. Mas também houve quem simplesmente ouvisse, no entanto, o certo é que os participantes estavam todos presos às palavras do Mestre e as perguntas iam crescendo à medida que a curiosidade e as dúvidas aumentavam.



Mestre José Salgueiro com grupo de participantes.

Finalmente, o passeio teve de terminar, embora contra a vontade de alguns e também do próprio Mestre que ainda teria mais umas dezenas de plantas para mostrar e explicar, mas já não havia tempo, para que os trabalhos programados para a tarde pudessem realizar-se dentro de um atraso aceitável.

Regressámos todos de novo ao local de partida, dentro dos reboques e com a certeza de termos sido levados por umas horas ao maravilhoso mundo das plantas, pela mão que quem melhor as conhece. Houve a seguir uma sessão de autógrafos com o Mestre para deixar no seu famoso livro uma dedicatória pessoal a quem teve a sorte de o comprar, porque todos os seus livros para venda ali, tinham esgotado quase imediatamente depois de termos chegado do passeio.



TABACO FLOR-DE-CRAVO - 1ª parte

Pedro Pacheco

O Sr. António Miranda, Vieira de alcunha, como o conhecem, é natural da Bretanha, ilha de S. Miguel, nos Açores, e ainda cultiva e fuma o tabaco que ele próprio produz.

Conforme afirma, “o tabaco flor-de-cravo era o tabaco do camponês, dos antigos; é mais forte, só se fuma em folha de milho; não se pode fumar em papel, que é muito forte”; “a fábrica nunca usou este tabaco”, “na fábrica era o tabaco branco”.

A fábrica que refere é a Fábrica de Tabaco Estrela, em Ponta Delgada, onde foi operário, antes de trabalhar na Escola Secundária Antero de Quental.

“Todo o antigo tira a semente, faz plantio e planta para si, e torna a tirar semente para o próximo ano”.

A sementeira é feita em Janeiro, num canteiro, com uns oitenta centímetros de largura por metro e meio ou dois metros de comprimento, devidamente cavado e preparado com estrume, de preferência no escuro da lua. Procede do seguinte modo: 1) cava a terra; 2) espalha o estrume; 3) põe terra fina por cima do estrume; 4) semeia; 5) põe terra fina por cima.

O plantio assim obtido é, também no escuro, mudado, em Abril, para a terra. A terra é cavada a sacho para preparar a plantação. Não leva estrume. “Sem adubo, sem salitre, sem química nenhuma”. Terra soalheira, com uma área aproximada “sei lá, uns trinta metros quadrados”, o suficiente “para umas cento e cinquenta ou duzentas plantas”.

Quando a planta tem aproximadamente 60 centímetros (quando se quer tabaco mais forte), ou 80 centímetros (com a planta mais alta fica o tabaco mais fraco), conforme se opte, capa-se. Capar é “partir o olho”. Desneta-se três semanas depois e “conforme os netos aparecem, vai-se sempre desnutando; umas três vezes”. Desnetar é tirar “o ramo que dá entre a folha” - a que,

na axila das folhas, se chama de “netos”. Esta operação é realizada para deixar só caule e folhas nas plantas.

Só um ou dois pés se deixam crescer normalmente, sem capar nem desneta, para deles depois se retirar a semente a utilizar no ano seguinte.

“Depois do tabaco estar cheio é cortá-lo para o chão no escuro e com a maré seca” (maré vazia) pois assim “pega melhor e tem outro paladar”. Isto acontece pelo mês de Julho. “Dependura-se logo à sombra em sítio arejado”, habitualmente debaixo dos típicos graneis que ainda se encontram um pouco por toda a ilha. Fica a secar. “Para ficar bem, trinta dias, pelo menos,” dependurada “cada planta, uma a uma”.

Depois de seca “mete-se dentro de um cesto de vime”, separadas já as folhas dos caules, “em infusão”. Infusão neste caso não significa ficar em água quente, é mesmo ficarem acuculadas as folhas no cesto destapado - “abafa uma folha sobre a outra”.

Para preparar a trança começa-se por se tirar o “ermo”, que é o nome dado à nervura central da folha, ou “nervo do meio”, que se tira “do meio da folha para baixo”. Depois “é enrolá-lo brando e botá-lo ao sol” - sol descoberto. Nesta fase vai-se-lo apertando até ficar duro e liso, durante uns quinze dias, “até ficar bom”.



Trança de tabaco seca e enrolada.

“Depois é fumá-lo e bom proveito!”.

Ficam guardadas as tranças dependuradas “na falsa, na casinha de despejo ou dentro do granel”. “Podem durar, se em lugar seco, dois ou três anos, que não criam bolor”.

Agradeço ao Sr. António a disponibilidade para nos dar a conhecer a cultura e a preparação do tabaco conforme tradicionalmente ainda há quem faça na ilha de S. Miguel.



MANUAIS TÉCNICOS PARA A RECOLHA E CONSERVAÇÃO DE SEMENTES

Fátima Teixeira

DA COLHER PARA SEMEAR

Apesar de ser uma edição já conhecida da maior parte dos sócios da Colher para Semear, uma vez que esteve na base do trabalho da associação, mesmo antes da sua constituição em 2005, nunca é demais lembrar que está à disposição de todos os interessados em se aventurarem na recolha das próprias sementes e na respectiva conservação.

Trata-se do manual “*Colher Para Semear – Manual Prático para a Colheita e Conservação de Sementes*”, da autoria de José Miguel Fonseca, que reúne todas as técnicas mais importantes e descreve as formas mais usadas para a recolha e conservação de sementes. Este manual pode ser muito útil como forma de complemento às oficinas práticas sobre este assunto que habitualmente são realizadas durante o Ao Encontro da Semente.

Para além desta primeira parte, conta ainda com a descrição e caracterização das espécies mais comuns numa horta ou num quintal, tendo em conta aspectos como o cultivo, a polinização e a recolha de cada uma dessas espécies.

Uma vez que este documento não contou com o apoio financeiro de nenhuma entidade oficial, a Colher Para Semear está a comercializá-lo como forma de criar receitas para as suas actividades, e por isso, pode enviá-lo a quem o quiser adquirir pelo valor de € 8,00 mais portes de envio.

Pode ser encomendado pelos contactos telefónicos habituais, tel. 236 622 218 ou tm. 91 490 9334, ou ainda através do endereço electrónico colherparasemear@gmail.com

DA RED ANDALUZA DE SEMILLAS

Embora não seja uma edição recente, queremos dar aqui notícia do “*Manual para la utilización y conservación de variedades locales de cultivo*” publicado pela nossa congénere espanhola, a Red Andaluza de Semillas “Cultivando Biodiversidad”, em Setembro de 2007.



Esta obra reúne questões muito importantes e pertinentes sobre as variedades locais e ajuda a perceber o que se considera variedade local. Para além dos conselhos técnicos sobre recuperação de variedades, sempre muito úteis para quem trabalha nesta área, tem também uma parte descritiva, reportando as variadas actividades de provas gustativas que são

levadas a cabo com os consumidores e chefs de cozinha, que podem inspirar a fazer algo de semelhante entre nós.

A elaboração deste manual foi coordenada pela Red Andaluza de Semillas na qual participaram as seguintes entidades: Rede de Semillas “Resembrando y Intercambiando”, GRAIN, Rede de Alternativas Sustentáveis e Agropecuárias (RASA), Cooperativa Agrícola Pueblos Blancos, Cooperativa La Verde, La Alegria de la Huerta, Federação Andaluza de Consumidores e Produtores Biológicos e o Centro de Investigação e Formação em Agricultura Biológica e Desenvolvimento Rural da Província de Granada (CIFAED).

É possível encomendar o manual em papel, pagando portes de envio no seguinte endereço: Red Andaluza de Semillas “Cultivando Biodiversidad”, C/ Japón, 8 Oficina nº 4, 41020 SEVILLA

Email: info@redandaluzadesemillas.org

Mas para quem tiver acesso à internet e não precisar da versão em papel pode sempre obter o pdf aqui:

www.redsemillas.info/?p=340



FUNDAÇÃO PARA A AGRICULTURA DO FUTURO (Zukunftsstiftung Landwirtschaft) - 2ª parte

José Eduardo Amorim

N. R. Publicámos no número anterior uma notícia sobre a Fundação Para a Agricultura do Futuro que ficou incompleta por falta de espaço. Vamos agora completar o artigo terminando de apresentar todo o trabalho desenvolvido por esta entidade.

Investigação em melhoramento e desenvolvimento como uma tarefa social

Porque é que a Fundação para a Agricultura do Futuro considera a produção

/melhoramento de plantas como uma tarefa social? Porque não é só a obrigação de produtores de sementes ou do governo? Qual é o nosso ponto de vista mais importante sobre o Futuro das Sementes Agrícolas?

A produção /melhoramento de plantas representa uma importante chave para o futuro e é cada vez mais reconhecida como um mercado no futuro.

Em todo o mundo, as sementes são a base do nosso pão quotidiano e alimentação. Quem domina o mercado de sementes, decide o que nós, os nossos filhos e os nossos netos comem. As sementes são a nossa herança cultural. Mas hoje em dia são cada vez mais consideradas como bens económicos e, por isso, tornam-se a matéria prima da indústria da biotecnologia e do mercado de fornecimentos.

Que ingredientes, que necessidades externas (alimentação, energia, nutrientes, vestuário, regionalismo, mudanças climáticas, etc.) ou necessidades internas (sabor, fortalecimento de capacidades intelectuais ou espirituais, saúde), que valores éticos devem ser respeitados pelas variedades futuras? O que significa realmente qualidade da alimentação? Quais das nossas ideias sobre a humanidade e o mundo afectam os métodos de melhoramento? (Patricia Taterra “Nós somos o que fazemos”, também pode dizer “ Nós somos o que pensamos!” e isto significa para o melhoramento: Nós comemos o que pensamos!).

Campos de melhoramento são os nossos jardins de infância e espaços de aprendizagem para o futuro da alimentação! Na nossa opinião, contudo, o futuro da nossa alimentação não deveria tornar-se o joguete de interesses económicos poderosos ou mercados capitalistas.

Nos últimos 25 anos, estes factores (capital e interesses poderosos) ganharam uma influencia crescente influencia. Em 1980 não havia uma única empresa de sementes

que possuísse uma parte de mercado superior a 1%. Hoje 10 empresas dominam mais de 50% do mercado global de sementes.

A privatização do sector das sementes vai de mão dada com o seu domínio por empresas gigantes. Desaparecem variedades do mercado e vão para bancos de variedades privados das companhias. Quais são as consequências da privatização e concentração?

Por exemplo, em 2002 a maior empresa de sementes da altura, a Seminis, removeu mais de 2000 variedades de polinização aberta do seu programa. Em 2004, a Seminis foi comprada pela Monsanto.

Na nossa opinião, esta tendência para a privatização está errada. As sementes são um bem cultural. Como uma herança dos nossos antepassados, nós temos a obrigação de administrar e desenvolver as nossas sementes de forma responsável. Por esta razão, os melhoradores e seleccionadores de sementes podem fazer uma decisiva e válida contribuição. Esta contribuição, contudo, deve servir o bem comum e não interesses capitalistas. Da mesma maneira, o melhoramento de plantas deve ser financiado pelo conjunto da sociedade.

Como base das origens da nossa alimentação, as sementes tem de ser disponíveis como a água e o ar. As sementes estão ligadas de perto aos direitos mais básicos da humanidade.

Por isso, a selecção de plantas deve:

- ocorrer regional e ecologicamente;
- ser baseada em métodos transparentes e ecológicos;
- excluir tecnicamente reprodução produtiva (híbridos, híbridos CMS - Esterilidade Masculina Citoplásmica, tecnologia do gene Terminator); e
- ser participativa, por outras palavras ocorrer em conexão com o envolvimento dos utilizadores e em diálogo com os utilizadores.

No nosso ponto de vista, isto assegura:

- diversidade;

- independência de grandes empresas;

- diálogo social: e

- a nossa capacidade de continuar a desenvolver sementes no futuro.

Estas são algumas das muitas razões pelas quais a Fundação para a Agricultura do Futuro promoveu e apoiou investigação em melhoramento de sementes biológicas e biodinâmicas por mais de 12 anos.

Como a Fundação possui apenas fundos de capitais limitados, ela depende de doações para continuar a apoiar a investigação. Isto quer dizer que para os projectos por nós apoiados precisamos de pessoas empenhadas socialmente, que não estão interessadas num retorno do investimento no sentido habitual.

Quando o Fundo para as Sementes começou, a investigação em melhoramento biológico, livre de organismos geneticamente modificados, foi financiado quase exclusivamente por consumidores e pessoas individuais. Nos últimos anos, contudo, retalhistas, transformadores, agricultores, banqueiros, etc., estão crescentemente a financiar o Fundo.

Na nossa opinião, futura investigação viável em melhoramento de sementes e financiamento devem ser construídas em cima de três pilares:

1. consumidores;
2. cadeia desde os agricultores /horticultores até aos transformadores e retalhistas; e
3. apoio do estado, porque é a responsabilidade do estado como providenciador do bem público, apoiar a investigação com fim em aberto. Mais ainda: enquanto substanciais fundos do estado são canalizados para engenharia genética, portanto é imperativo que as abordagens alternativas recebam tratamento igual.

Investigação em melhoramento e melhoramento em geral são actividades que necessitam muito tempo e trabalho intensivo e, conseqüentemente, muito onerosas.

O desenvolvimento de uma variedade leva 10 anos e, de acordo com a Associação Federal de Melhoradores de Plantas Alemães, custa aproximadamente 60.000 Euros anualmente.

No presente a Fundação para a Agricultura do Futuro apoia 26 projectos de investigação em melhoramento com quase €600.000 por ano. Contudo, quase 1,5 milhões de euros por ano são necessários apenas para estes 26 projectos.

Por isso, a investigação independente e ecológica em melhoramento para a agricultura biológica depende da expansão do apoio de todas as áreas da sociedade. Nós continuaremos a trabalhar para este objectivo. Muitas boas ideias e conceitos são precisos para assegurar o financiamento de esta abrangente obrigação.

Um factor decisivo será como cada um de nós visualiza o significado do futuro das sementes.

Ou nós aceitamos a privatização das sementes ou nós consideramos que a questão das sementes deve estar interligada com os direitos básicos da humanidade e consequentemente como uma obrigação cultural para ora o futuro.

Por isso todos podemos ajudar a desenvolver um rebento para o futuro! Seja uma parte do futuro!

Conta para doações: Zukunftsstiftung Landwirtschaft, BIC: GENODEM1GLS

IBAN: DE77 4306 0967 0030 0054 12

Keywords: Saatgutfonds

Mais informações: <http://www.zs-l.de/>



AGRICULTURA TRANSGÉNICA NA ERVA DANINHA

Fátima Teixeira

Sobre um dos associados colectivo mais jovem (em ambos os sentidos!) da Colher Para Semear, o GAIA - Grupo de Acção e

Intervenção Ambiental, resolvemos divulgar uma das suas actividades com informação muito útil e super-criativa. Trata-se da zine informativa do GAIA, com o nome de Erva Daninha. Assim, chamamos especial atenção para o nº 03 de 2008, recentemente publicada e dedicada integralmente à problemática do uso de organismos geneticamente modificados (ogm) na agricultura, daí o título de capa "Agricultura Transgénica".

Sobre o GAIA, para quem ainda não o conhece, acrescentamos mais umas linhas, usando as suas próprias palavras: "é uma associação ecologista, inovadora, plural, apartidária e não-hierárquica, com uma forte componente activista, recorrendo a acções directas, criativas e não-violentas. Fundada em 1996 em Lisboa, o GAIA é uma ONGA (Organização Não Governamental de Ambiente), que actua a nível nacional e regional com núcleos no Porto e no Alentejo, para além de Lisboa, colabora com outras associações Portuguesas e faz parte de várias redes europeias. É desde longa data um dos membros mais activos na Plataforma Transgénicos Fora e têm feito um trabalho notável para despertar a atenção para o grave problema ambiental, agrícola, social, ético e político dos ogm.

Da primeira à última página com temas escaldantes, ilustrações inéditas e design apelativo, esta é uma zine de leitura obrigatória, a não perder.

A Erva Daninha é uma publicação criada pelo GAIA em 2003, e desenvolvida totalmente por sócios e amigos do GAIA, com um orçamento muito reduzido e à custa de muito trabalho voluntário. Daí ser muito importante apoiar financeiramente este projecto através de donativos a esta publicação e da sua divulgação.

Para quem quiser saber mais sobre o GAIA pode consultar o seu sítio:

<http://gaia.org.pt>



OS AGRIÕES

José Miguel Fonseca

Embora o Agrião seja reconhecido como uma planta semi-aquática, crescendo espontaneamente à beira dos cursos de água, e também amplamente cultivado em agrieiras artificiais, dirigidas para os mercados, é apenas a espécie vulgarmente apelidada por Agrião de Água (*Rorippa nasturtium*), uma das numerosas espécies comestíveis existentes, algumas cultivadas outras voluntárias, com semelhanças físicas e nalguns casos comungando o paladar picante, baptizados estes igualmente por Agriões.



Agrião de Água

A aparência e o paladar partilhados entre as espécies têm em comum a mesma família, as Crucíferas, à qual pertencem todas as couves e nabos entre outros, facilmente identificados pela observação das flores de quatro pétalas e dispostas em cruz.

Variedades

Na espécie de Água, sobressaem duas variedades entre outras: a Silvestre ou

Comum, aparecendo de forma voluntária nas margens dos cursos de água, com folhas inicialmente redondas e pequenas, compostas na maturidade.

Por seu lado o Agrião cultivado nas agrieiras é um apuramento da descrita anteriormente, encontrando-se algumas variedades disponíveis comercialmente; as folhas têm forma arredondada, são de maior dimensão e quantidade, menos acres no gosto do que a variedade Silvestre. Ambas possuem caules angulares, ocados, podendo atingir mais de um metro de comprimento. A parte inferior da planta tem tendência para acamar, elevando-se erecta a dianteira competindo com outras à procura da luz solar. As variedades diferem na disposição das sementes; a adventícia possui as síliquas (vagem das crucíferas) com uma única fila de sementes, enquanto as cultivadas, mais recentes têm carreiras múltiplas de duas ou quatro e as sementes são ligeiramente achatadas.

Outra planta conhecida por Agrião é o Mastruço (*Lepidium sativum*), este cultivado nas hortas e representado pelas três variedades seguintes: o vulgar, pequena planta com folhas muito recortadas e com configuração de roseta, eventualmente forma-se uma haste muito ramificada, terminando estas em pequenas flores de cor branca. Segue-se o Mastruço de folha larga, mais procurado e cultivado que o antecedente, como o nome indica tem as folhas longas e amplas quase inteiras. Por último a variedade anã frisada, com folhas muito recortadas e crespas. É o que tem o sabor mais intenso de todos os três. As sementes são relativamente grandes e de cor castanha avermelhada.

O Agrião da Horta (*Barbarea praecox*) é o nome que identifica a terceira das espécies cultivadas. Planta muito rústica re-semeia-se com relativa facilidade. Tem hábito rasteiro, as folhas basilares apresentam-se em forma de roseta, lustrosas, pubescentes na face inferior, hastes estriadas com flores de cor

amarela pálida. As siliquis são grandes e têm quatro a seis centímetros de comprimento, as sementes são gradas e de cor tijolo. O Agrião da Horta é espontâneo nos lameiros e pastagens húmidas, assemelhando-se ao Agrião de Água em aparência e paladar. No entanto é considerado de menor qualidade.



Agrião da Horta

A origem dos Agriões é diversa e a de alguns é mesmo incerta. O Agrião de Água é apontado como indígena da Eurásia, tendo emigrado com as caravanas de comerciantes em direcção ao ocidente. Os povos Gregos e Romanos grandes apreciadores deste vegetal, também o disseminaram pelas terras conquistadas ou melhor dito pelas águas.

O Agrião Mastruço tem ascendência asiática e possivelmente chegou-nos nas mesmas circunstâncias do de Água. A espécie da Horta terá por berço a Europa meridional, especialmente Mediterrânica, é uma variedade derivada da silvestre "*vulgaris*", espontânea nos terrenos húmidos das zonas temperadas.

Cultivo

Todos os géneros de Agrião têm por afinidade situações próximas do meio

aquático ou de humidade relativa nos solos onde vegeta, tendo em conta o estado da água na qualidade das culturas. No Agrião este facto ainda é mais evidente dada a aptidão deste vegetal para absorver nitratos e de a sua composição poder conter até 92% desse elemento.

O Agrião de Água é uma das plantas mais fáceis de propagar, ora por semente que germina em vinte e quatro horas, seja de estacas com raiz quer sem, basta colocá-los na lama das margens de água corrente de nascente, onde não exista contaminação de qualquer fonte. Aí rapidamente enraízam, e uma vez estabelecido só é necessário mondar quando afrontado por plantas adventícias. Para garantir a continuidade da cultura sem degeneração, deixam-se por colher as plantas indicadas como vigorosas e estas auto-semeiam-se em grande profusão.

Também se pode recorrer à construção de agrieiras artificiais, em local onde haja a possibilidade de fornecer água limpa durante o período de desenvolvimento. Abre-se uma vala com as dimensões pretendidas, amontoando os lados de forma a reter apenas dois a três dedos de fundo. Construir a vala com ligeira inclinação, para permitir a entrada de água corrente no topo e saída em lado oposto, evitando assim a estagnação e formação de lodos, que transmitem um gosto peculiar aos Agriões.

Misturar uma quantidade generosa de composto, muito bem curtido no solo do fosso, regar e misturar até obter uma lama natada, propícia à sementeira, e quando houver água disponível em quantidade e à temperatura condizente, pode efectuar-se de Fevereiro a Setembro. De acelerado desenvolvimento, o Agrião de Água pode ser colhido apenas quatro semanas após a sementeira, dependendo da época de propagação. Colhem-se cortando a parte superior dos talos, deixando duas ou três axilas para uma célere medrança. Utilizar um instrumento cortante ou em alternativa a unha do polegar a fim de evitar a deslocação

das raízes comprometendo o vigor da planta.

Os melhores solos para o cultivo do Agrião são por ordem decrescente: os argilo-calcáreos, argilo-siliciosos e os xistosos, mas de modo geral todas as terras fortes e férteis servem perfeitamente. As plantas adquirem o tom castanho avermelhado, quando expostos e castigados pelos ventos gelados do Inverno. Para suceder nesta estação, deve-se procurar abrigo apropriado de modo a permitir temperaturas estáveis, evitando amplitudes exageradas.

O Agrião Mastruço semeia-se durante os meses de Estio. É a planta do mais fácil amanho possível. Escolher local sombreado e protegido, caso contrário tende a espigar precocemente. Semeia-se a lanço, melhor em linha, poupando tempo nas mondas e semente, separando os regos por vinte e cinco centímetros. Calcar ligeiramente depois de tapar os sulcos e cobrir tudo com uma liberal camada de composto ou terra vegetal bem esmiuçada. Esperar até as plântulas terem dimensão adequada para sachar, regar abundantemente quando necessário. São sómente estas as condições para o Mastruço dar repetidas colheitas durante o Inverno e início da Primavera. Quando completado o seu ciclo espiga vigorosamente, produzindo generosas quantidades de semente.



Agrião Mastruço

Se desejar cultivá-lo na Primavera para cortes ao longo do Verão, pode executar a

sementeira nos meses de Abril e Maio em lugar sombreado, regando e cortando com disciplina regular, evitando a projecção das hastes e o consequente endurecimento dos tecidos que o torna demasiado fibroso e pouco apetecível, assim como do mesmo modo contrariando a tendência ao espigamento. Os nossos antepassados aproveitavam todos os recursos disponíveis, e um deles era o de utilizar as plantas secas do Mastruço para as transformar em delicadas e formosas vassourinhas, sempre prontas junto às lareiras para varrer as cinzas. Apesar da fragilidade aparente esta é enganadora, pois é de ampla duração.

O Agrião da Horta ou da Terra continua a encontrar-se de forma espontânea em lugares húmidos ou encharcados. A variedade domesticada é um apuramento da silvestre e de forma geral assemelha-se a esta quase na totalidade. Semeado em Abril ou Maio e de maneira faseada no Verão e Outono, pode dar sucessivas colheitas ao longo de todo o ano.

Contrariando os outros tem germinação lenta, permitindo a sementeira associada de outros legumes mais expeditos. De feição a controlar as ervas, para este efeito as alfaces e os rabanetes servem perfeitamente. O local escolhido deve apresentar-se bem fresco, pois é planta com necessidades hídricas elevadas, além do mais as regas não devem ser esquecidas em particular nos períodos de seca. A fertilização tem de ser adequada às altas exigências desta espécie, composto em quantidade ou esterco muito bem curtido devem satisfazer essa carência.

Polinização

A família das Crucíferas à qual o Agrião pertence é reconhecida pela apetência para as polinizações cruzadas, demonstrada nas variadas hibridações conseguidas, quando mais de uma variedade é cultivada em conjunto, ou melhor quando floresce em coincidência.

As flores dos Agriões são muito pequenas e raramente visitadas pelas abelhas, preferindo estas outras mais apelativas quando presentes e disponíveis, caso invulgar nesta família muito solicitada por todos os insectos polinizadores. No entanto alguns insectos como seria de esperar visitam-nas, assim é o caso de pequenas vespas e mosquitos. A maneira mais sensata de acautelar qualquer mestiçagem, será a de semear apenas uma variedade de cada espécie em simultâneo, este procedimento aplica-se de igual modo aos outros géneros.

Obtenção da semente

Para obter sementes de boa qualidade e calibre, convém assinalar as plantas pretendidas na agrieira, na vala ou na horta, e deixar por colher os melhores exemplares para este efeito.

As sementes do Agrião de Água são as mais complicadas de colher, pois as silíquas ao amadurecerem abrem-se de forma livre, soltando e esvaziando o seu conteúdo. Para assegurar uma colheita proveitosa procede-se da seguinte maneira: em primeiro lugar convém estar atento à maturação das vagens. Esta processa-se em regime faseado, requerendo portanto colheitas repetidas, o próximo passo é o de cortar as pontas quase secas, ou mais arriscado em alternativa, esperar um ou dois dias para permitir a secagem completa. De seguida munir-se de saco de papel ou balde, vergar as pontas e sacudi-las no seu interior, repetir as vezes necessárias ou pretendidas qualquer que seja a opção tomada.

Nas espécies Mastruço e de Horta o procedimento pode ser igual ao anterior, todavia pode-se deixar secar a planta por completo. As síliquis destes têm um comportamento um tanto diferente, permitindo arrancar a planta inteira, ensacá-la com as vagens viradas para a base. Atar a boca da bolsa em conjunto com os pés dos Agriões, pendurar em local seco e arejado.

Este método é muito prático, as sementes vão caindo gradualmente para a fundo, as ainda alojadas nas vagens podem libertar-se batendo com algum vigor no saco, segurando-o pela abertura e rodando para atingir toda a superfície.

Utilizam-se principalmente dois processos na limpeza das sementes de Agrião: a joeira, método seco, é talvez o mais empregado e consiste em desembaraçar as palhas das silíquas das sementes, por meios mecânicos ou através do uso do vento como elemento separador. Não elimina todas as impurezas e requer por isso uma crivagem adicional. O método húmido é porventura o mais indicado, permitindo maior pureza e viabilidade na conclusão do trabalho. Consiste em mergulhar as sementes num recipiente com várias vezes o seu volume de água, deixar assentar por um período de meia hora, ao fim do qual as palhas terão emergido acompanhadas pelas sementes estéreis menos densas. Por outro lado as viáveis, mais pesadas mantêm-se no fundo. Depois basta passar o conteúdo por um passador de malha suficientemente aberta para as impurezas passarem, mas de modo a não escorrerem as sementes. De seguida espalhar em espaço não aderente ou absorvente, em lugar seco quente e ventilado facilitando uma rápida e desejada secagem. Este processo tem por contrapartida ser moroso e provocar a infundada relutância da maioria dos guardiões.

As propriedades alimentares dos Agriões são sobejamente conhecidas. À frente das virtudes imputadas vêm as faculdades anti-escorbúticas, assim como dispõe de quantidades apreciáveis de minerais como o iodo, ferro e o enxofre. É abundante em vitamina C, além de conter também vitaminas A, B1, B2 e E. Não é por acaso o apelido pelo qual era reconhecido dos nossos antepassados: "Saúde do Corpo".





COLHER PARA SEMEAR

**REDE PORTUGUESA
DE VARIEDADES TRADICIONAIS**



BOLETIM DE INSCRIÇÃO DE SÓCIO

(Por favor, preencher com letras bem legíveis, de preferência com maiúsculas)

Nome: _____

Morada: _____

Localidade: _____ Código Postal: _____

E-mail: _____

Telefone/ Telemóvel: _____ Data de Nascimento: _____

Profissão: _____ Nacionalidade: _____ Nº contribuinte: _____

Quota anual: Sócio individual 35 € Sócio colectivo 70 € Sócio estudante/reformado/menor de 16 anos 25 € Donativo de _____ Pretende receber sementes*? Sim Não

Pagamento por cheque nº _____ do Banco _____

No valor de _____ à ordem de Colher para Semear

Data _____ Assinatura _____

Preencha e envie para: **Colher para Semear**, Quinta do Olival, Aguda, 3260-044 FIGUEIRÓ DOS VINHOS



***Os sócios da associação Colher Para Semear têm o direito a: participar em todas as actividades promovidas ou apoiadas pela associação (p. e. encontros, oficinas de formação) com direito a redução de entrada quando praticável; receber o boletim interno e circulares; usufruir anualmente de um número de variedades, que serão definidas e disponibilizadas pela Direcção a partir de uma lista anual.**

COMO CONTRIBUIR?

Para concretizar estes objectivos, que são do interesse de todos nós, é necessária a contribuição do maior número de pessoas. De que modo?

- Através da inscrição como **sócio**;
- Pela oferta de **donativos** ou **géneros**;
- **Voluntariado** em diversas áreas: parte administrativa, pesquisa e trabalho de campo, recolha e propagação de sementes, inventariação, outras áreas relacionadas com as actividades da associação.
- Ser sócio **guardião de sementes**: comprometendo-se a multiplicar a(s) variedade(s) que apadrinhar, devolvendo à associação parte da sua colheita anual, devidamente seleccionada. Este sócio deve ter assistido previamente a uma oficina de formação sobre recolha, caracterização e propagação de sementes. O sócio guardião é mencionado no catálogo de variedades como produtor da semente que apadrinhar.